

Theatro Paulistano

N. 1

OS

DOIS JUCAS

COMEDIA EM UM ACTO

DE

JOSÉ PIZA

Representada pela primeira vez no Theatro São Raphael,
de Sorocaba, em Agosto de 1888



EDITORES
Andrade, Mello & Comp.
SÃO PAULO-1899

Theatro Paulista

20

DOIS LUCAS

São reservados os direitos de reprodução e representação.

Os Editores
ANDRADE, MELLO & COMP.

AOS

COMEDIOGRAPHOS BRASILEIROS

ARTHUR AZEVEDO

E

GOMES CARDIM

OFFERECE O AUTOR

OS DOIS JUCAS

COMEDIA EM UM ACTO

DE

JOSÉ PIZA

PERSOYAGENS:

DR. MELADO — Advogado, 50 annos, pãe de

RUFINA — 20 annos, namorada de

JUCA TELLES — dono de casa de billares, 25 annos.

JUCA — empregado do Dr. Melado, 25 annos

BENTO ZACARIAS — caipira, cliente do Dr. Melado, 30 annos.

PANTALEÃO — capitalista gago, 45 annos.

Epocha — Actualidade

Ação — Sorocaba

REPRESENTADA PELO GRUPO SCENICO

DO

EDEN-CLUB

com a seguinte distribuição:

Dr. Melado	Sr. A. Barros
D. Rufina	Exma. Senhorita <i>Gabriella Dias</i>
Juca Telles	Sr. P. Campos
Juca, creado	› J. Vasques
Bento Zacarias	› Raul Franco
Pantaleão	› Emilio Ferreira

OS DOIS JUCAS

ACTO UNICO

A scena representa um escriptorio de advocacia. Um paletot está pendurado á vista do espectador. Porta ao F. para a rua. Idem á E. para o interior da casa. Idem á D. para o quarto de Rufina. Janella para a rua. Um capacho na porta ao F.

SCENA I

RUFINA (*só*)

RUFINA (*Quando sóbe o panno Rufina espia da porta do seu quarto*). — Não tem ninguem e papai já trocou de paletot (*Aponta o paletot*).

Vejamos se ha alguma carta para mim. (*Vae ao paletot, tira uma porção de papeis do bolso de dentro. Procurando*) Ah! cá está! (*Rasga um envelope e lê*):— «Meu Anjo! Amo-te cada vez mais e com uma paixão sem limites. Preciso muito falar contigo hoje, e o unico meio que achei é pedir-te que estejas á janella do teu quarto, que eu, ali pelas duas horas da tarde, passarei lá, e se não estiver ninguem pela rua entrarei no jardim.» (*Fala*) E' um homem corajoso este Juca Telles! Já o meio que elle encontrou para escrever-me, eu acho perigoso... Sabendo que papai é maniacó pelo jogo de bilhar e que não ha dia em que não vá carambolar á sua casa...

(*Explicando*) porque o meu Juca é dono d'uma casa de bilhares no Largo da Matriz... ora papai não joga sem tirar o paletot; o Juca, que é um finório, combinou commigo na partida do Club da Violeta, fazer o paletot de papai de correio. Papai chega no bilhar, *zaz* tira logo o casaco, o Juca *vugte* enfia-lhe a carta no bolso de dentro que anda sempre cheio de papelada; mal o papai chega em casa troca por um de brim e deixa aquelle com que sahe ali (*Aponta*). E eu então faço o que fiz. Elle escreve-me sempre, mas eu nunca tive coragem de lhe mandar uma linha siquer. Hoje, porém, vou escrever-lhe; isto é uma loucura, vir ás duas horas! Ah! mas o meu Juca é um homem corajoso! E como eu adoro os homens corajosos! Ah Juca! Meu querido Juca!

SCENA II

RUFINA e JUCA (*creado*)

JUCA (*Vem entrando quando Rufina diz: Ah Juca! meu etc. etc.—Pára na porta admirado*).
—A senhora chamou?

RUFINA (*Assustada*).—Não, não te chamei.

JUCA. — Mas, pareceu ouvir o meu nome aqui: Ju-ca.

RUFINA. — Foi engano. Ninguem disse o teu nome.

JUCA. — Ah! pois era capaz de jurar que a senhora havia chamado.

RUFINA (*Zangada*). — Ai ai ai! Já disse que não te chamei!

JUCA. — Então foi engano. Mas olhe, era capaz de dar a minh'alma ao diabo como a patrôa havia dito... Juca; mas como...

RUFINA. — Oh! seu malcreado! queres mangar commigo?!

JUCA. — Não, patrôa, não se zangue. Já não está cá quem falou. Se bem que me parecesse haver chamado.

RUFINA. — Ainda?!

JUCA. — Já estou calado... estou mudo... já não digo mais nada... a menina não vê?... nem pio... todo eu sou um cemiterio... estou mudissimo e caladissimo!

RUFINA (*Aparte*). — Este tratante não pára mais!... o melhor é eu ir responder ao meu Juca. (*Sahe pela D.*)

SCENA III

JUCA (*só*)

JUCA. — Pois senhores, agora que estamos sós, lhes digo com toda a franquezinha. Eu era capaz de enforcá-me n'um pé de couve em como a d. Rufina me havia chamado; e olhem que não sou teimoso... chamou, sim... ninguém me tira isto da cabeça... Agora o que eu duvido é que ella tivesse dito: *Meu querido Juca*... Juca ella disse: mas *querido*?!... A menina anda tão mysteriosa ha cousa de uns quinze dias que... *Querido Juca!*

Isto é que me admira. Emfim, quem sabe! Eu bem posso ser querido! E quem me diz que a menina não occulta no seu peito uma paixão por mim?!... *Querido Juca!*... Qual! O caso precisa estudo. A patrôa é muito acanhada, quem sabe se ella tem vergonha de dizer-me alguma coisa, e eu estou aqui como um *par robis* sem saber de nada. Mas n'este caso quem deve ter coragem sou eu. E por falar em coragem (*Bate na testa*), agora me recordo eu d'ella ter dito (*Imita*): *Como eu adoro os homens corajosos!* aquillo é commigo! Querido Juca?... sou eu! Homem corajoso... é commigo! E eu que nada sabia!!... Nada, meu Juca! toma tento! Tu tens olho!... Tu ainda te arranjas... A d. Rufina tem (*Signal de dinheiro*) e anda apaixonadã por ti, seu maganão!... (*Resoluto*) Deixe o patrão sahir que ahi é que ella vae vêr o que é um homem de coragem! Atiço-lhe uma declaração d'amôr em regra!!... (*Passos. Finge arranjar a sala*) Ai! o patrão.

SCENA IV

JUCA e o DR. MELADO

DR. MELADO (*De paletot de brim, com um jornal*)— Que é que está você a fazer, meu pedaço d'asno? Aposto que não deu uma tacada nisto aqui hoje?

JUCA. — Tacada?

DR. — Sim! Ainda não varreu isto aqui.

JUCA.— Ainda não... mas... (*Aparte*) ora eu a varrer o escriptorio do meu futuro sogro!...

DR. — Ein? Que é que você está dizendo?
JUCA. — Nada, não senhor. Já vou, já venho,
já varro. (*Sahe*).

SCENA V

DR. MELADO (*só*)

DR. (*Acompanha-o com os olhos*). — Bom rapaz... mas, meio... (*Signal de maluco. Olhando o jornal*). E' caso para a gente admirar-se do que diz este jornal: que os gagos quando cantam não gaguejam! Nunca tinha reparado. Se me apparecer por cá o Pantaleão, applico-lhe a receita. Faço-lhe cantar o que tiver de dizer! O maldito é gago como dois gagos! (*Pucha do relógio*) Oh! para o diabo! são horas da partida que eu combinei com o Veriano. E' uma *negra* d'interesse, que ficamos de deslindar á uma hora. Se eu não fôr pontualmente os sapos pensam que eu tive medo. Só tenho tempo para tomar um cafézinho e sahir.

SCENA VI

JUCA, DOUTOR e depois RUFINA

JUCA (*Com uma cassoura*). — O patrão quer tomar café aqui, ou vai tomar lá dentro?

DR. — Já está prompto? Então vou lá dentro. (*Sahe*).

RUFINA (*Dando com Juca*). — Ora, o creado aqui! (*Mostra uma carta*) Está aqui a resposta

para o Juca... Aproveitemos emquanto papai está tomando café para pôr a carta no paletot.

JUCA (*Está varrendo e finge nada vêr, porém olha de esquelha*).—Como ella me olha! Decididamente está apaixonada por mim!

RUFINA.—O Juca não sahe daqui; o melhor é disfarçar e pôr a carta sem que elle perceba. (*Põe a carta no bolso e sahe*).

JUCA.—Ai, a menina teve uma carta na mão! Será para mim? E ella que continúa olhando-me! Terá vergonha de entregar-me de mão propria? É isso, é. Ella é tão caipirinha! Que anjo! Hein!... Poz a carta no bolso do paletot do patrão! Então não é para mim! Em todo o caso, vejamos. (*Vae ao paletot e tira a carta*). O que eu vou fazer é um crime, mas o mysterio precisa ser desvendado. (*Olhando o envelope*) Não tem subscripto. (*Rasga o envelope e admirado lê*): «Meu querido Juca!» (*Fala*) Chama-me querido! Eu bem disse que era querido! (*Passos, esconde a carta*) Oh que diabo!... o patrão!

SCENA VII

JUCA e DOUTOR

DR. (*Trocando de paletot*). — Si vier alguém procurar-me, diga que fui ali ao bilhar do Juca Telles jogar uma negra e já volto. Ouviu?

JUCA.—Sim senhor, sr. doutor.

DR.—Acabando de limpar aqui, vá lá dentro cuidar dos passarinhos... E por falar nisso, que diabo tem o sabiá que anda tão jururú? (*Sahe*).

JUCA (*Sem vêr o doutor sair*).—Ann... O sabiá?... Aquillo é indigestão... A sra. d. Rufina deu-lhe um pirão feito com ôvo podre e... (*Procurando o doutor*) Tambem este dr. Melado só pensa no bilhar. Ha pouco veio de lá e se foi sem saber da historia da dôr de barriga do sabiá... Vamos á carta! (*Tira e lê*): «Meu querido Juca!» (*Fala*) Como é doce este querido (*Lê*) «Amo-te muito e se não fôr tua não serei de ninguem. E' esta a primeira vez que te digo que te amo, mas de sobra o tens percebido pelos meus olhares e sorrisos!» (*fala*) E ella que me olhava e sorria e eu sem nada perceber! Oh! burro que sou! (*Theatralmente*) Ah Rufina! Tu adoras os homens corajosos?! Vaes vêr então um cabra de coragem!... Espera um pouco. (*Lê*) «O bolso do paletot de papai é por certo um bom meio de nos escrevermos, mas—cuidado! Ponha sempre a carta quando papai estiver de costas para o paletot.» (*Fala*) De costa?... Ah! Ella quer que eu lhe escreva e que ponha a carta quando o dr. Melado estiver de costas?... Un! Que exquesitice a dessa menina! Escrever-me dessa fórma quando podia chegar e dizer-me:—Juca — pão pão, queijo queijo! Qual, isto é leitura de romances que lhe deixa a cabeça assim! (*Lê*) «E' uma imprudencia a tua querereres vir ao jardim, mas se tens tenção inabalavel eu te esperarei ás duas horas em ponto. Tenha muito cuidado que papai nada descubra! Tua até a morte.—RUFINA MELADO.» P. S.—«Desculpe os erros e a lettra, porque foi escripta com muita pressa. —A mesma.»—(*Fala*) E ainda me pede para desculpar a lettra!... Anjo! Cherubim!

Está desculpada! Pois se eu escrevo peor que ella. O diabô é dizer que eu quero ir ao jardim ás duas horas. Pois se agora só está em casa a cosinheira. Eu chimpô-lhe a declaração amorosa aqui mesmo! (*Passos-dentro*). Bellissima occasião. Eil-a.

SCENA VIII

JUCA, RUFINA e depois PANTALEÃO

RUFINA.—Você ainda não foi tratar dos passarinhos?

JUCA (*Aparte*). — Coragem, Juca! e atira-te! (*Segura Rufina pelos punhos e ajoelha-se*) Rufininha do meu coração! Eu tambem te amo! Seremos dous pombinhos de felicidade!

RUFINA (*Assustada*).—Jesus! Elle está louco! Largue-me, Juca! Eu grito!

JUCA.—Meu amor! Eu tambem te amo!

PANTALEÃO. (*Muito gago, apparece ao F.*).—Não se in..com..mo..dem! Eu não vi na..da!

RUFINA (*Foge para a porta*).—Jesus me valha.. que vergonha!

JUCA (*De joelhos ainda*). — O que é que o senhor quer, seu Pantaleão?

PANTALEÃO.—O Dr. Mé...?

JUCA.—Mé? Cabrito? Ah! Fugiu-lhe um cabrito? Não veio para aqui, não! (*Levanta-se*).

PANTALEÃO.—Não; o dr. Mé...

JUCA.—Não está... sahiu, mas...

PANTALEÃO.—Demora para vó..vó..

JUCA.—Como? Vovó?

PANTALEÃO.—Para voltar ?

JUCA.—Não. Elle foi ao bilhar do Juca Telles, e daqui a pouco deve estar de volta. Quer esperal-o ?

PANTALEÃO.—Não, eu vô..vô..vô...

JUCA.—Que diabo! Ainda ha pouco a avó, agora o avô...

PANTALEÃO.—Vou até lá. (*Sahe*).

JUCA. — Ah! Vae até lá? então até logo. Encontra-o com toda a certeza. (*Pausa*). Ora este gago de uma figa não é que veio atrapalhar-me a declaração de amôr!... Quando a cousa ia se encaminhando!... Ella estava assustadinha a coitada!... mas tinha razão. Não contava com a minha coragem! (*Desdenhoso*) Ah! Tu gostas de homens corajosos?... Eu agora é que não a largo sem que ella me ouça... que eu tambem a adoro!... Ah gago dos diabos que te carreguem!... (*Sahe*).

SCENA IX

BENTO (*só*)

BENTO (*põe a cabeça na porta ao fundo*). -- Ó di casa!... O' di casa!... Dão licença, inhô?!... Puis antão não tein ninguem?... Seu tô não tará?!... (*Bate palmas*) Quar, o miór é entrá, sentá e esperá! (*Entra pulando o capacho, que colloca sobre uma cadeira*). Óme que relatchação desta dgente! Largun os batchêro atôa no tchão! (*Senta-se*). Não vein vanceis, qu'eu vin aqui cunsurtá cum seu tô, pur mórde un a quistã de un as térrinha

qu'eu teinho aqui no Tapicirica. (*Põe o pé sobre o joelho*). Uns catchorro de uns meus visinho, sem desfazê em vanceis, anda lá cú trataantada cumigo, pensando qu'elle tiro farinha cumigo; mais elles hade verem... (*Pausa*) O'messa!... Tará tapéra esta casa? Não virá ninguem? (*Grita*) O' di casa!...

JUCA (*Dentro*). — Já vou... (*Entra*) Como passou? Bem?

BENTO. — Beimecê. Seu tô tá í?

JUCA. — Não. Saiu, mas não demora.

BENTO. — Puis antão, nein bein elle tchegando, vancê dis pr'elle que m'espére. Qu'eu vou inté o mercado e vórto p'ra fálá cú elle. Inté a vórta. (*Sahe*).

SCENA X

JUCA, RUFINA e depois PANTALEÃO

RUFINA (*Julga-se só. Juca está na janella*). — Estará doido o Juca?... Que susto que me pregou!

JUCA. — A patrôa?... Lá vae novo assalto! (*Chega-se sem que Rufina perceba*).

RUFINA (*Assusta-se ao vêr Juca*). — Meu Deus!... Outra vez?...

JUCA. — Escute-me por quem é, minha Rufininha! (*Segura-a pelas mãos*). Não grite! Tú és correspondida! Eu te amo... te adóro... te idolatro. (*Cahe de joelhos*) Ouve-me! Escut...

PANTALEÃO (*Entra da mesma fórma que na scena VIII*). — Não se in..comó..dem. Eu não vi...vi.. na..nada!

RUFINA (*Escapando das mãos de Juca*). — O que este homem não dirá de mim?... (*Para Juca*) Você está bebado?... (*Sahe*).

JUCA (*Aparte*). — Ora este (*Imita Pantaleão*) sempre atrapalha-me no melhor da festa!

PANTALEÃO.—O Dr. Mé...?

JUCA (*Furioso*).—Ainda não veio. O senhor não foi procural-o? (*Passos dentro*) Está ahi elle! (*Sahe*).

SCENA XI

PANTALEÃO e o DOUTOR

DR. (*Sem vêr Pantaleão entra furioso*).—Ora sebo! Perdi a partida! Uma negra que valia 10\$000! E que negra?! (*Dando com Pantaleão*) Oh! seu Pantaleão... não o tinha visto. Desculpe. (*Aparte*) Ainda mais esta, meu Deus? Hoje estou caipora! Com certeza vai falar-me sobre os amôres d'elle com a vizinha! Ai que na roça é preciso ser-se tudo! Até páo de cabelleira! (*Alto*) Como está, seu Pantaleão?

PANTALEÃO.—Bem, obrigado!

DR.—O que traz o amigo por cá?

PANTALEÃO.—O negocio do meu casamento.

DR. (*Aparte*).—Cruzes! E eu que já estou com uma formidavel dôr de cabeça! (*Alto*) Sente-se e diga lá o que é.

PANTALEÃO.—A Maria...

DR.—Amaria?... a quem?

PANTALEÃO.—Não... a Maria...

DR.—Ah! Sei. A sua noiva, não é?

PANTALEÃO.—E' isso.

DR. (*Aparte*).—E ia me esquecendo da receita do jornal sobre os gagos! (*Alto*) O' seu Pantaleão, você sabe cantar?

PANTALEÃO (*Desconfiado*).—Porque?

DR.—Sabe?

PANTALEÃO.—Um pouco...

DR.—Pois então, tenha paciência. Diz aqui este jornal que as pessoas como o senhor quando cantam não gaguejam. O que o senhor quer me contar é comprido?

PANTALEÃO.—E'.

DR.—Então o melhor é o senhor cantar-me o seu negocio, senão demora muito.

PANTALEÃO.—Pois vá lá.

DR.—O senhor conhece a musica do (*Qualquer trecho de musica popular, que ensina cantando em qualquer toada, como por exemplo*):

Pé espaiado
Quem foi que te espaiou
Foi uma bala
Que o Javary mandou.

Pois cante nessa mesma toada o que tem de me dizer.

PANTALEÃO (*Desconfiado*).—Tá direito. (*Limpa a garganta e canta sem gaguejar*):

A ninha Maria
Rodrigues da Conceição,
Tem por mim, é serio,
Uma grande paixão.

Hoje ella me disse:
—Vem cá, Pantaleão,
Peça p'ra papae,
A minha bella mão.

Sr. doutor, confesso,
Sou muito timorato,
Do meu defunto pae
Eu sou fiel retrato.

Rogava pois a si
Que fosse lá por mim,
Pedir ao seu Antunes
A mão do cherubim.

Doutor, então vá lá

DR. (*Interrompendo*). — Já entendi perfeitamente. Não ponha mais na carta (*Distrahido*) Quer que peça a mão da Maria para mim ?

PANTALEÃO (*Falando*).—Para mim.

DR.—E' isso.

SCENA XII

Os mesmos e BENTO

BENTO (*Entra, pulando o capacho*). — Dá licença, seu tô ?

DR.—Entre, o que é que deseja ?

BENTO (*Puxa a cadeira para junto do doutor*).—Eu, seu tô, vin aqui pur mórde un a quistã que eu teinho lá cuns mér deabo duns visinho.

DR.—O senhor como se chama ?

BENTO.—Eu ? Chamo-se Bento.

DR.—Bento de que?...

BENTO. — Zacaria, mais me trato por Caria.
Bento Caria

DR. (*Para Pantaleão*). — Eu já lhe falo.

PANTALEÃO (*Gaguejando*). — Não se incomode.
Eu tenho tempo.

BENTO — (*Para o doutor, olhando penalizado para Pantaleão*) Este moço é sua familia ?

DR. — Não. E' conhecido.

BENTO. — Puis ha ûa meisinha tão bôa prá má de gagueira... E' tchá de javiródimba. Bébe sete gorpe, depois tchega uma pessoa por traiz e prega cuma cuié de páu p'ras costa. Eu quando era deste póрте (*Faz menção de pequeno*) era ansim (*mostra Pantaleão*). Depois que tomei o tchá fiquei ansim, nem bão, nem már, mais hoidge estou ansim, depois da cuié de páu pras costa, falo escoreito e... Mais não cortando seu bão préposito. Não vê, seu tô, qu'eu pissúo un as térrinha aqui p'rás banda do Tapicirica e vae antão uns meus visinho começáro á fazê roça nas dita cuja terrinha. Ellis tchêgarô — foice prá cá, foice prá lá—e entrarô nas térrinha sáfáda qu'eu táva reservando prá prantá mio! Ellis tão lêzando meus dêrêito, mais esses catchórro — sem desfazê em vanceis—hade mê pagarem. E' então pur mórde essa dúvia qu'eu venho consurtá cum seu tô. Agora si ellis duvido (*Resoluto*) eu metto a leinha n'ellis!

DR. (*Approvando*). — Isso, seu Bento. Nestas questões de terras o melhor é a gente se fazer de duro. E' preciso a gente ser severo. Olhe, seu Bento, eu sou muito severo, muito duro de roer... mas isto é de familia. Já meu pae era.

Para os senhores verem como elle era energico vou lhes contar um factó.

BENTO (*Attento*).—Escuitemo.

PANTALEÃO (*Vem para junto do doutor cantando*).—Conte, doutor.

DR.—Foi em 1800 e... Bem! Isto não vem ao caso. O que lhes sei dizer é que tinha meus 20 annos e morava com meu pae. Sahi uma noute por occasião da Semana Santa com o intuito de assistir a procissão do Fogaréo que sahe ali pelas 9, 10 horas da noute... mas sahi sem pedir licença a meu velho. (*Pausa*). Eu não estava acostumado a dormir tarde... a procissão demorava, e comecei a bocejar (*Boceja, Pantaleão e Bento tambem bocejum*) e a sentir somno.

Bilhar, naquelle tempo, era um crime. Disse com meus botões: Qual procissão, qual carapuça!... vou dormir que é melhor. Voltei para a casa, e qual não foi o meu espanto ao dar com a porta da rua fechada!... Bato, ninguem; torno a bater... nada! Sabem que era?

BENTO. — Nhor não!

PANTALEÃO (*Cantando*).—Diga, doutor.

DR.—Meu pae tinha ficado furioso por saber que eu tinha sahido e não tinha voltado até ás oito horas da noute e propositalmente—záz—manda fechar a porta! Ora, eu já era nesse tempo estudante de preparatorios, e ter de dormir na rua!... Mas, emfim, resignei-me deante daquelle acto de energia de meu finado pae e fui para a esquina a vêr se dava com algum conhecido que me dêsse agazalho.

Vocês sabem o que succedeu?... Na esquina tinha um frade e eu estava com tanto somno que dormi a noute toda encostado no frade!...

BENTO.—E' prá dgênte admirá! Mais, seu tô, o que mais me admira é a patchôrra do frade lhe aguentá tuda noite vancê encostado nelle!

DR.—Não... o senhor não entendeu-me. Não era frade gente que estava na esquina! Era um frade de pedra!

BENTO.—An! Si fosse dgênte éra perciso tê patchôrra!

DR.—Pois vejam só. Fui creado nesses principios de energia e por isso é que hoje sou assim. E é preciso! Olhem que é preciso... Sem energia nada se arranja! Por consequencia, seu Bento... Bento de que?

BENTO.—Caria. Me tratun por Caria.

DR.—Porisso seu Bento Porcaria...

BENTO.—Caria, seu tô; Zacaria.

DR.—Porisso, seu Bento Zacarias, vamos deitar energia. Vamos começar por...

BENTO (*Interrompendo*).—Tá dereito, seu tô, mais... (*Ouve-se gritos no quarto de Rufina. Algazarra. Entra Juca carregando Juca Telles, que esperneá*).

SCENA XIII

Os mesmos, JUCA, JUCA TELLES e depois RUFINA

JUCA (*Creado*).—Está seguro, patrão! Está seguro! Ah seu bilontrinha de uma figa, pensava que me escapava? Viu p'ra quanto presta um homem?

JUCA TELLES.—Me largue, seu malcreado! Me largue!

DR. (*Admirado, para Juca Telles*).—O senhor, seu Juca! Como se explica sua presença aqui?

JUCA TELLES (*Atrapalhado*).—Eu, seu doutor?... Eu... enganei-me na casa!

JUCA (*Creado*).—Qual enganou-se, nem meio enganou-se! Eu lhe conto o facto como deu-se: Este sujeitinho viu que não tinha ninguem na rua, entrou no jardim e foi logo em direcção da janella da sra. d. Rufina! A menina, bem que estava lá mas em vez de gritar, de mandal-o embora ou de pedir por soccorro, não senhora, fez de tola e ferraram lá uma prosa; até que eu vi que a coisa era de mais e então fui ao jardim e segurei este melro!

JUCA TELLES. — Perdão, doutor. Eu estou innocente. Vou provar-lhe...

DR. (*Para Rufina que entra*). — Que dizes a isto, filha pervertida? Um rapaz a conversar contigo no jardim! O que dizes a isto?

RUFINA (*Serena*). — Digo que amo o Sr. Juca e declaro formalmente que me quero casar com elle.

JUCA (*creado*).—Meu Deus! Ella me pede em casamento ao pae!

DR. (*Para Rufina*).—Mas espere...

RUFINA—Aqui não ha mas... Quero casar-me com elle e si papai não quizer eu faço um escandalo! quero, quero e quero!

JUCA (*Creado para Rufina*).—Mas olhe que eu não estou em condições... Só se o doutor dotal-a.

RUFINA.—O que?!... Você ainda continúa doido?

JUCA TELLES (*Aparte*). — Então a Finoca é quem dá o exemplo? (*Formaliza-se, alto para o doutor*) Sr. doutor Melado, tenho a subida honra de pedir para mim a mão da sra. d. Rufina Melado!

BENTO (*Aparte*).—O'messa! Si refina o melado fica assuca. Deve sê bem dôce!

DR. — Bem, filhos. Não precisa formalidades. Consinto, mas . . .

J. TELLES E RUFINA. — Consente! Que felicidade!

DR. — Consinto, mas com uma condição!

J. TELLES. — Qual é? . . . diga . . . diga qual é.

DR. (*Sorrindo*).—De me deixar jogar de graça nos seus bilhares.

J. TELLES (*Sorrindo*). — Dê graça, não. Mas cobro-lhe o tempo a quatrocentos réis a hora. Já é uma concessão.

DR. — Pois já serve. Está tratado! Sou o mais feliz dos parceiros! (*Para Pantaleão e Bento*) Já que os senhores viram o começo desta roupa suja, convido-os para o casório. (*Para Rufina e J. Telles*) Vamos, meus filhos, abracem-se e carambolem muito neste grande bilhar que se chama mundo.

JUCA (*Creado*).—Mas que papel faço eu nisto tudo? Não me dirão? . . . (*Bate na testa*) Ah! Agora percebo, a carta era para o outro que também é Juca . . . o pai ia para o bilhar . . . o outro tirava a carta . . . ah! . . . pedaço de camello que sou!

PANTALEÃO (*Para o Dr.*).—Se me acontecesse o mesmo! . . .

DR.—Descance que eu faço o pedido.

BENTO (*Para o publico*). — Cumo seu tô me convidô pro casório e eu não posso assisti pra mórde um rancapê que randgei no Tapicirica, eu peço a vanceis tudô que me arrepresente . . . e inté a primêra, o mais tardá. (*Sahe*).